

Povo cubano não aceita submissão

Embaixador de Cuba no Brasil condena imperialismo
Págs. 6 e 7



A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL



Bush agride o Iraque

Pág. 10

Leilão foi barrado, governo derrotado

Foi uma grande vitória. A mobilização popular e a consciência democrática nacional conseguiram impedir o leilão da Usiminas que deveria ter acontecido no último dia 24. Collor não conseguiu impor sua vontade entreguista à nação. Depois dessa primeira batalha, a luta em defesa do patrimônio público poderá crescer muito. Dia 15 tem mais!
(Pág. 5)



USIMINAS!



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Jornal elucidativo

O jornal está ótimo, é de fato um instrumento de orientação popular, sempre trazendo reportagens que mostram, para nós trabalhadores, o quanto nos enganam.

José Inácio dos Santos - Pedreira - SP

Um breve elogio

Tenho notado uma melhora na qualidade dos textos apresentados pela Classe Operária. Tenho tido o maior tesão para lê-la. É bom não vê-la só como uma leitura obrigatória, só por ser do partido, mas sim por ser tão bem escrita que aguça a vontade e atenção para lê-la.

Acredito que os duros tempos por que passam o socialismo e os verdadeiros comunistas e revolucionários exigem de nós um salto de qualidade tanto na elaboração teórica, quanto na atuação prática.

Fico feliz em ver que estamos capacitados a dar esse salto.

Precisamos continuar atentos e lutando para dá-lo com bastante garra e aquele tesão!

Beatriz Helena S. da Cruz - RJ

Descaso presidencial

Leitora assídua deste jornal, que reputo como muito sério, quero dizer que o "mar de lama" que toma conta do governo Collor é a coisa mais grave dos dias atuais, principalmente pelo descaso do Presidente, diante da opinião pública brasileira.

Os trinta e cinco milhões de eleitores que se enganaram com sua demagogia sofrem as conseqüências.

Maria A. Donato - RJ

Dicas para a Classe

Acho que deveria voltar a coluna "Fala o Povo" que tanto contribuiu para a divulgação das lutas populares no Brasil. Deve abrir espaço para divulgar mais o marxismo e o leninismo, com estudos teóricos para os militantes. Fazer esforço para que o jornal chegue às bancas e abrir campanha de vendas de assinaturas. Promover palestras com convidados, militantes e amigos, abordando os problemas do jornal. Bingos, rifas, festas, etc., são importantes para arrecadar fundos a serem investidos no próprio jornal.

Mário C. dos Santos - Operário, militante do PCdoB

À memória de Jósimo

Após o registro que fizemos da morte do menino Jósimo, a redação recebeu uma poesia em sua memória, da qual publicamos um trecho.

Partiu Jósimo.
Barbosa ficou.
Jósimo não vai presenciar o socialismo.
Talvez nem Barbosa.
Que importa!
Fica o exemplo.
Dois lutadores.
Abnegados.
Barbosa!
A admiração de um camarada.
Jósimo!
Das lágrimas brota a alegria de havê-lo conhecido.
À vida Barbosa.
Como você ensinou e aprendeu com Jósimo.

Emerson L. Brotto - Passo Fundo - RS

Dicas e críticas

Desde de comecei a ler a "Classe" posso afirmar, com certeza, que meus discursos perante às massas e minhas intervenções durante as reuniões representativas melhoraram muito.

Tenho apenas uma crítica a fazer: gostaria que alguns

artigos fossem mais claros, isto é, que fosse usada uma linguagem mais clara e mais popular. A impressão também merece cuidado.

Léo Marx Viana - militante secundarista do PCdoB - Curitiba-PR

Um jornal de debates I

Em dezembro do ano passado, quando ainda integrava a equipe de "A Classe Operária", enviei ao Comitê Central de nosso partido, através da secretaria de agitação e propaganda, uma carta com uma avaliação sobre a crise por que passava o jornal. Em junho último este documento finalmente chegou ao conhecimento do conjunto dos companheiros do CC. Há algumas semanas, o camarada Dilermando Toni, que é hoje editor da "Classe" solicitou-me que produzisse uma versão condensada do texto, para que fosse publicada nesta seção.

O objetivo essencial do documento que redigi há nove meses era polemizar com as avaliações que circulavam entre a direção do partido acerca da crise financeira que abalava o jornal. Tais avaliações viam como causa fundamental de nossas dificuldades uma suposta decadência de todos os tipos de imprensa escrita. Este declínio, prosseguia a tese, se refletia em especial sobre os jornais populares, e transformava em algo objetivamente irrealizável o projeto elaborado para a "Classe" logo após nosso 7º Congresso.

Além disso, e como agravantes, a direção do partido avaliava que a equipe da "Classe" havia deixado de acompanhar mais atentamente a vida interna do partido, fazia poucas reportagens e trabalhava em regime de ociosidade.

Todas estas críticas, exceto a alegada crise da imprensa escrita, eram corretas, se vistas isoladamente. O problema é que ao fixar-se nelas a direção perdia de vista a causa maior de nossos insucessos. O jornal definhava porque não enfrentava, no nível em que a luta de idéias exigia, os temas centrais da conjuntura - e em conseqüência tornava-se um produto inútil, seja para os nossos militantes,

seja para os nossos aliados.

E se a "Classe" fugia ao debate dos assuntos mais importantes é porque era orientada, a partir do CC, por uma concepção segundo a qual bastava-lhe transmitir à militância as resoluções emanadas da direção. Esta linha de pensamento rejeitava o surgimento de polémicas no jornal, ao menos daquelas que versassem sobre os acontecimentos de maior relevância política. Além disso, até mesmo a abordagem multilateral e profunda de certos acontecimentos era desestimulada, quando surgia alguma suspeita de que pudesse desviar o coletivo partidário de suas tarefas centrais.

Citei, na carta ao CC, vários exemplos notórios destas tendências que nos levaram ao descrédito e ao fracasso. O mais importante foram as eleições do ano passado.

Realizadas em condições que desde o início se afiguravam como desfavoráveis para as forças progressistas, elas só poderiam ser enfrentadas com sucesso por nosso partido se ficasse clara desde o início a complexidade da batalha, e se renunciássemos por completo ao otimismo ocioso e à auto-suficiência.

Em nenhum momento da disputa, contudo, a "Classe" esteve à altura do papel que se podia esperar que cumprisse. Em relação às eleições majoritárias, fez desde o início a exaltação acrítica das coligações com as quais o partido tendia a se compor e de suas perspectivas eleitorais. Em Brasília, o jornal deu aval à declaração de Brizola, segundo as quais a candidatura do PT, que terminaria o pleito em segundo lugar e bem a frente da nossa, era "divisionista". No Piauí, asseguramos aos leitores, "quem dá o tom da campanha é o movimento popular organizado"... E no Paraná, onde apoiamos José Richa, cujas tendências ao conservado-

rismo eram claras, a "Classe" insistiu sempre em contrariar as evidências, e em apresentar o candidato como alguém capaz de "defender o resgate da democracia e da participação popular".

A tendência à distorção e ao ufanismo se acentuava quando era a vez de abordar o desenvolvimento das candidaturas de nosso partido. Quem confiava apenas na "Classe" como fonte de informação seria levado a acreditar que os concorrentes comunistas navegavam de vento em popa; que os problemas advindos da divisão da esquerda e do avanço das idéias conservadoras eram irrelevantes; que, enfim, não havia motivo para preocupação, alarme ou eventuais análises e revisões de rumo: bastava ter "pique", "garra" para comparecer aos comícios e sustentar as demais atividades da campanha.

1990 marcou, no plano internacional, o início do desmoronamento do regime albanês, e também aqui a "Classe" trocou a análise concreta da realidade pela proclamação de clichês. Ainda antes da crise das embaixadas, o jornal havia adotado a defesa acrítica das reformas promovidas pela direção do PTA. Na edição nº 43, por exemplo, deu amplo destaque e tratamento editorial nitidamente favorável ao 10º pleno do Comitê Central daquele partido, o mesmo em que foram adotadas a criação de formas de propriedade individual, o alargamento das diferenças entre salários e a introdução de mecanismos de mercado em moldes muito semelhantes aos propostos por Kruschov na URSS, na década de 50. Nosso jornal recusou-se sequer a analisar mais detidamente as medidas, agindo como se devêssemos considerá-las adequadas pelo simples fato de serem provenientes da Albânia.

Antônio Martins, colaborador da "Classe"

Presença da Mulher

A nova edição da revista *Presença da Mulher*, comemorativa de seus cinco anos de circulação, traz uma belíssima capa do artista Elifas Andreato e um rico e polêmico conteúdo. Aborda desde a escalada da violência, a punição da fábrica De Millus por revistar suas operárias, a eterna polémica dos anos para a mulher de hoje, a ideologia da amamentação materna até o retrocesso nas conquistas das mulheres do leste europeu.



Adquira já o seu exemplar: Cr\$ 1.200,00. Assinatura anual: Cr\$ 3.000,00. Cheque nominal à Editora Liberdade Mulher Ltda. Rua dos Bororós, 51, 1º andar - Bela Vista - São Paulo - SP. Tel.: (011) 278-3220

A CLASSE OPERÁRIA
ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas
Editor: Dilermando Toni
Redação: Umberto Martins, Pedro de Oliveira e Sara Seles
Projeto Gráfico: Auracébio e equipe
Diagramação e Arte: José Luiz Muñuera Reyes
Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - CEP 01318 - SP
Fone: (011)36-7531 Telex 11-21983
Fax: (011)36-4104
Composição e arte final: Computart
Fone: (011) 36-0412
Fotolitos e impressão: Jornal Paulista

Assine já o jornal A Classe Operária

Nome
Endereço.....
CEP..... Cidade Estado.....
Profissão.....

"A CLASSE OPERÁRIA" CUSTA MUITO POUCO

Assinatura trimestral: Cr\$ 1.500,00 Assinatura Semestral: Cr\$ 3.000,00
Assinatura trimestral de apoio: Cr\$ 2.500,00
Assinatura semestral de apoio: Cr\$ 5.000,00

Preencha hoje mesmo este cupom e envie cheque nominal à Empresa Jornalística A Classe Operária Ltda.
Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - SP - CEP 01318



Manipulação e realidade

Sérgio Miranda *

Num debate com mais de cem estudantes, curiosos e interessados em compreender o que está acontecendo no mundo, fiz a seguinte pergunta: quem de vocês sabe quantos iraquianos e americanos morreram na guerra do Golfo? Todos tinham acompanhado os noticiários da guerra pela TV e ainda se lembravam das bombas guiadas por raio laser, dos pássaros morrendo encharcados de petróleo, dos aviões invisíveis, mas este dado fundamental, quantos morreram, ninguém sabia. Quando falei que morreram 128 americanos, destes, mais de 30 por "fogo amigo" e 120.000 a 200.000 iraquianos, segundo levantamento feito por analistas independentes, o espanto foi geral. Este exemplo é uma demonstração de até onde chega a manipulação dos meios de comunicação na divulgação dos fatos que envolvem os interesses do imperialismo. O número de mortos nesta guerra sempre foi sonogado para não expor ao público a verdadeira chacinha que o imperialismo cometeu no Oriente Médio. De forma semelhante os meios de comunicação agiram na cobertura dos recentes acontecimentos na URSS.

O poder manipulatório dos meios de comunicação que controla e distorce as informações divulgadas para milhões de pessoas é um dado fundamental do momento político atual. Muitos se prostram frente a esta realidade e procuram adaptar o seu discurso a mensagem da grande imprensa. Estou falando dos que ti-



veram a "coragem" de condenar o golpe de Yanaiev mas se calaram frente ao golpe igualmente antidemocrático de Yeltsin e Gorbachov. Será que fechar partidos, proibir jornais, impedir o funcionamento de bases partidárias nos locais de trabalho, intervir nos órgãos do poder legislativo alterando suas funções é defender os princípios democráticos? Estes senhores, muitos de es-

querda, não levam em conta que esta onda neoliberal, se em primeiro lugar, está atingindo os comunistas, também se volta contra a social-democracia e seu objetivo é, no fundo, atingir a própria democracia.

Também não é correto encarar de forma absoluta o poder da grande imprensa na sua capacidade de influenciar o pensamento e as atitudes das pessoas. Toda esta propaganda, direta ou subliminar, que procura enaltecer o imperialismo e os valores burgueses é profundamente contraditória com o cotidiano das massas. A realidade do dia a dia é a exploração capitalista desenfreada, o agravamento da crise econômica e social, a falta de soluções para os problemas da maioria do povo. É esta realidade que cria um potencial de conscientização e de luta que deve servir de base para nossa atividade política e de massas. Adequar nosso trabalho às novas condições de luta de classes é o grande desafio colocado para os comunistas e todos que lutam pelo progresso social.

* Membro do Comitê Central do PCdoB

Direita quer cassar Erundina

Olival Freire Jr. *

O pretexto é a rejeição, pelo Tribunal de Contas do Município de São Paulo, das contas da Prefeita Erundina referentes ao ano de 1990. A Comissão de Finanças da Câmara Municipal, sob a liderança do malufista Antonio Sampaio - PDS - aprovou o parecer do TCM e esta semana o plenário da Câmara inicia a votação. Para derrubar o parecer é preciso 2/3 dos votos, difíceis de serem obtidos. Para chegar à cassação a direita é que precisaria reunir 2/3 o que também é muito difícil. Mas a aprovação do parecer já torna a Prefeita inegável para futuras batalhas eleitorais e lança lama na seriedade e honestidade de sua administração.

O episódio até aqui encerra importantes lições. Revela o caráter conservador, de classe, das instituições brasileiras. A Prefeita constituiu uma comissão de auditores independentes que analisaram as contas e não constataram nenhuma irregularidade. Apontaram falhas técnicas que não constituem irregularidades. O TCM não aceitou esta análise. Este mesmo TCM contudo dificultou o quanto pôde as investigações sobre a gestão de Jânio Quadros conduzidas pelo então vereador Aldo Rebelo. Este órgão criou tantas dificuldades a fim de acobertar Jânio que o vereador cogitou até de propor sua extinção. Como se vê o TCM tem dois pesos e duas medidas. Aliás, recentemente, a Prefeita foi condenada a pagar 31 milhões por ter publicado nota apoiando a greve geral de 1989. Mas agora a Petrobrás inundou as re-



des de TV com longos informes publicitários combatendo o direito de greve e a mesma justiça tão zelosa, ficou calada.

A ofensiva contra o mandato da Prefeita insere-se num movimento maior das forças conservadoras brasileiras que animadas pelos acontecimentos na União Soviética e temerosas do agravamento da crise brasileira tomam iniciativas para neutralizar a esquerda. O deputado Roberto Campos e mais Delfim e Dornelles lideram um bloco parlamentar (BEM) cujo objetivo político expressa-se na introdução do voto distrital o que reduziria imensamente a expressão parlamentar da esquerda. O Senado aprovou medida restringindo o uso da TV aos grandes partidos políticos. Em São Paulo pretende-se inviabilizar eleitoralmente uma liderança popular de esquerda.

Para barrar tais iniciativas impõe-se a formação de uma frente de forças progressistas e democráticas. Os comunistas paulistanos, que integram ativamente a coligação Partidos do Povo que elegeu Erundina em 1988, embora não participando do atual governo, por motivos políticos, consideram necessário somar todas as forças capazes de se opor a esta ofensiva do malufismo, realizar uma campanha de mobilização popular e impedir que se concretize a cassação do mandato popular conferido à Prefeita Luiza Erundina.

* Membro do Comitê central do PCdoB

EDITORIAL

Candidato a imperador

"É um dispositivo que suspende a vigência da Constituição enquanto durar o reinado do imperador Fernando I".

"É uma proposta de golpe de Estado".

Estes são comentários do deputado José Thomaz Nonô (PMDB-AL) e do ex-ministro Saulo Ramos, respectivamente, sobre o artigo 1o da proposta de emenda apresentada por Collor na reunião do Conselho da República, no último dia 17 de setembro.

Tal artigo diz cinicamente que "fica suspensa a eficácia dos dispositivos da Constituição incompatíveis com o conteúdo da presente emenda". Quem vai decidir o que é ou não compatível? O próprio Collor? Talvez seu ministro da Justiça, com formação de coronel e fiel servidor da ditadura militar?

Como se não bastasse, o governo pretende, no seu emendão, forçar a liquidação de importantes conquistas democráticas alcançadas na Constituinte. Entre elas, a garantia do monopólio estatal do petróleo, aprovada por 401 votos contra apenas seis, e sete abstenções.

Por outro lado, noticia-se que Collor, no Conselho, ameaçou: "ou o emendão ou o abismo". Para a imprensa ele disse a mesma coisa, com outras palavras: "se o emendão não for aprovado, choraremos todos juntos depois". Isto se soma a seus reiterados ataques à Constituição que, segundo o aprendiz de imperador, torna o país ingovernável.

O dilema no entanto não é o apresentado pelo governo. O Brasil está diante de uma Constituição que, apesar de seu caráter conservador, foi aprovada por uma Assembléia Nacional Constituinte, e um presidente que recusa-se a cumprir o juramento de respeitá-la, feito solenemente no ato de posse. E que tenta, por variadas formas, desde que assumiu, governar ditatorialmente sem levá-la em conta.

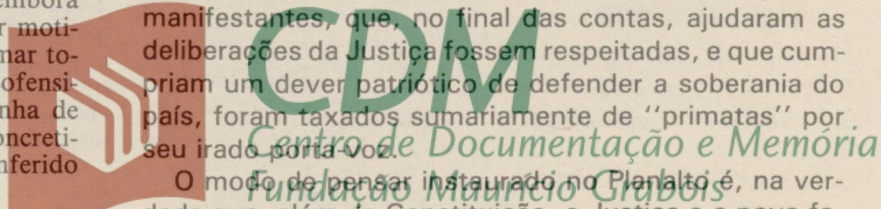
A coisa teve, entretanto, novos agravantes com a vitória das forças patrióticas no dia 24, ao barrar a entrega da Usiminas ao capital estrangeiro e obter na Justiça a condenação da fraude que se ia cometer contra o patrimônio público.

O líder do governo na Câmara, Ricardo Fiuza, acusou de "agentes perturbadores" os que levantaram a polêmica em torno da privatização. Mas foi a própria Justiça Federal que concedeu várias liminares, brecando o processo por inúmeras irregularidades encontradas.

Collor, por sua vez, mostrou-se "preocupado e decepcionado" - não com as falcatruas que foram apontadas, mas porque a privatização não se realizou. Mas mandou seu porta-voz, Claudio Humberto, dizer arrogantemente que o processo é "inescapável" - apesar da Justiça e do povo, não é, Sr. Presidente?

Mas o candidato a Fernando I foi mais longe. Os manifestantes, que, no final das contas, ajudaram as deliberações da Justiça fossem respeitadas, e que cumpriam um dever patriótico de defender a soberania do país, foram taxados sumariamente de "primatas" por seu irado porta-voz.

O modo de pensar instaurado no Planalto é, na verdade que, além da Constituição, a Justiça e o povo fazem o Brasil ingovernável. É preciso conferir até quando o Brasil considera este presidente governável.



CURTAS E BOAS

Capitulação de Collor

No último dia 18, o Brasil assinou em Viena o contrato que coloca o programa nuclear brasileiro sob o controle da Agência Internacional de Energia Atômica - AIEA -, satisfazendo ao imperialismo americano. Em veemente protesto a Associação Brasileira de Energia Nuclear - ABEN - denunciou: "no momento em que dominamos integralmente a tecnologia do ciclo do combustível nuclear, conseguida de forma autônoma, no momento em que estamos próximos de operar um reator de pequeno porte para geração elétrica e propulsão naval, inteiramente nacional e construído dentro dos mais modernos padrões tecnológicos - nesse exato momento nos colocamos em posição submissa, ao ceder às pressões internacionais. As salvaguardas da AIEA são discriminatórias e servem a um projeto hegemônico".

Má fé à vista

João Bosco, vereador do PCdoB de São José dos Campos - SP, enviou Moção à Câmara daquela cidade, onde repudia a tentativa dos conservadores de estenderem o mandato de prefeitos e vereadores por mais dois anos. O documento foi aprovado por unanimidade no dia 11 de setembro. Os protestos do vereador devem-se ao fato de estar em tramitação no Congresso Nacional um projeto com essa intenção. Não se pode permitir que casuísmos deliberados ameacem o direito ao voto e a escolha democrática dos representantes do povo.

Homenagem à Olga

A Escola Municipal de Educação Infantil do Conjunto Inácio Monteiro, em Guaianazes, recebeu no último dia 3, o nome de Olga Benário Prestes, militante comunista, assassinada em um campo de concentração nazista, na segunda guerra mundial.

Socialismo em Jarú

Em Jarú, Rondônia, o PCdoB realizou no último dia 15 a sua Convenção Municipal. Já passam de 200 os filiados no município. Este é um importante passo para o fortalecimento do partido naquele estado.

Direitos da mulher

A prefeita Luiza Erundina sancionou lei sobre punições aos estabelecimentos comerciais ou industriais, entidades, representações, associações e sociedades civis que restrinjam o direito da mulher ao emprego em São Paulo.

Exigências ou solicitações de exames de gravidez para admissão ao emprego; comprovação de esterilização; exames ginecológicos periódicos e discriminação às mulheres casadas são consideradas práticas de restrição ao sexo feminino. Os estabelecimentos responsáveis serão punidos com multa de 10 a 100 Unidades Fiscais do Município, suspensão temporária e cassação da autorização de funcionamento.

Passe Livre para Tiro de Guerra

A Câmara Municipal de Cachoeiro do Itapemirim - ES - aprovou o projeto "Passe Livre pro Tiro de Guerra", do vereador do PCdoB Almir Forte, concedendo aos atiradores o direito de entrarem pela porta dianteira dos ônibus da empresa Flecha Branca. Essa iniciativa beneficiará principalmente, os filhos de famílias humildes que não têm condução própria e moram longe.

Militante ameaçado

Mário Carneiro dos Santos, militante do PCdoB de Guarulhos, está sendo ameaçado de morte. As ameaças começaram quando Mário denunciou o extermínio de menores e o tráfico de entorpecentes, no jornal "Diário Popular", na "Coluna do Leitor" e, ter proposto, em Sessão Popular da Câmara Municipal de Guarulhos, uma Comissão Parlamentar de Inquérito, para apurar os crimes.

NACIONAL

Deputado do PCdoB denuncia corrupção na LBA de SP

Lejeune Matogrosso *

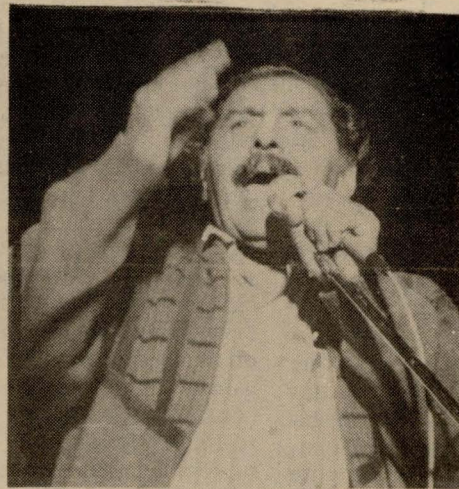
Afunilou-se nas últimas duas semanas, o cerco aos corruptos ex-dirigentes da Legião Brasileira de Assistência - LBA, em especial na superintendência de São Paulo. Através de denúncias amplamente divulgadas pela imprensa estadual e nacional, o Deputado Jamil Murad (PCdoB/SP), vem apresentando provas ao Ministério Público Federal e exigindo providências. As provas documentais em mãos de Jamil até o presente momento já se avolumam em 3 grandes pastas.

As fraudes praticadas pelo ex-superintendente da LBA/SP, José Herculino Alcântara Carvalho, são imensas. Em cruzeiros atualizados para o mês de setembro, pelas quais se têm notícia, os valores alcançam mais de Cr\$ 235.000.000,00 (duzentos e trinta e cinco milhões de cruzeiros). A maior delas refere-se à compra de 7 mil cestas básicas, cobertores, colchonetes, lençóis e travesseiros, em dezembro de 90, sem concorrência pública. Mas as irregularidades não param por aí. Há compras de centenas de jogos de camisa de futebol, impressões em gráficas de amigos dos diretores da fundação (entre os quais 200 mil panfletos divulgando o filme "Tartarugas Ninja II" - sic), contratação de firmas de engenharia que cobraram preços muito acima dos valores de mercado, etc.

Os envolvidos nas fraudes

As denúncias ao Ministério Público pedem a investigação das contas bancárias de 20 pessoas, todas elas ligadas ao ex-superintendente, incluindo aí sua irmã Rónals Alcântara Carvalho, seu cunhado Marcos José de Lima, o ex-gerente administrativo Ivo Areias, o ex-chefe de compras Hygino Bon Neto, etc. Os empresários Carlos Oliveira, amigo de Collor de Mello, alagoano, dono de 3 empresas fantasmas, e Carlos Genacaro Villarinho, do PRN, também estão sob investigação do MPF/SP e da Polícia Federal. Todos estão na mira da Justiça Federal em processos que correm na 19ª Vara Civil e na 3ª Vara Criminal Federal de São Paulo.

Além de todos os 20 implicados atuais e ex-funcionários, há uma lista elaborada pelo deputado Jamil e apresentada ao superintendente da Polícia Federal, Romeu Tuma, em 20 de setembro, onde são pedidas as investigações das contas bancárias, variação patrimonial e verificação de enriquecimento ilícito de 18 sócios proprietários das 10 empresas que ajudaram a fraudar a LBA/SP, como a Ultraarroz, a RPR, a Sefco, a Igarçu, a Transestrela, a Florão, a Cesta do Trabalhador, a Multi-bras, a Chanceler e a LF Oliveira (todas essas 3 últimas, são de alagoas, de Carlos Oliveira).



Jamil, corruptos da LBA na cadeia

Um mar de lama

Jamil Murad acusa essa gang, de organizar uma quadrilha para lesar o patrimônio público em proveito pessoal. Sobre o ex-superintendente, José Herculino, sabe-se que este adquiriu com dinheiro de comissões de concorrências ilícitas, um Monza, um Opala Diplomata e um Fiat, todos zero Km (este último carro adquirido em 3 de janeiro, já se tem a comprovação de sua aquisição), bem como um apartamento de 3 quartos em bairro nobre de São Paulo.

O banco pelo qual as propinas eram pagas, é o Banco do Estado de Rondônia - Beron, estranhamente utilizado por Carlos Villarinho, da ultraarroz, que inclusive foi Secretário de Estado do governo de Rondônia, na época do regime militar. As falcaturras foram

Para entender o caso

As fraudes na LBA/SP iniciaram-se em 28 de dezembro de 1990, quando fora comprados, em cruzeiros de hoje, mais de 200 milhões em cestas básicas e outros materiais de empresas fantasmas, ligadas ao PRN de São Paulo e Alagoas. Há fortes suspeitas de ligações diretas com Euclides e Leopoldo Collor de Mello, respectivamente primo e irmão do presidente Collor.

Em fevereiro, alguns deputados federais, entre eles José Dirceu do PT e Aldo Rebelo, do PCdoB, denunciaram à Folha as fraudes. Em junho, procurado por uma comissão de servidores da LBA/SP, Jamil Murad, deputado do PCdoB/SP, fez pronunciamento na Tribuna de Assembléia, apresentando provas dos crimes da quadrilha da LBA.

Após essa primeira denúncia, o ex-superintendente pediu licen-

feitas por pessoas ligadas ao PRN de Collor de Mello e pelo PDS de Paulo Maluf. O novo superintendente, Osvaldo Palma, foi secretário de Indústria e Comércio no governo Paulo Maluf por 4 anos seguidos, e o atual gerente administrativo, Ubiratan Figueiredo, falso advogado, foi seu chefe de gabinete civil e atual presidente do PDS de São Caetano do Sul.

Governo desmoralizado

A desmoralização do governo Collor é tão grande, que dia a dia este se atola cada vez mais em corrupção. Eleito com a bandeira da moralidade, nada mais fez que beneficiar os seus amigos pessoais, que faturam caixinhas em níveis nunca antes vistos na administração pública brasileira, que elevam preços de obras e serviços em mais de 200%.

A sua própria esposa, Rosane Malta Collor, indicou para a LBA/SP, dois primos e vários sobrinhos que estão com pedidos de prisão e sob investigação federal.

A entidade dos servidores da LBA tem se mobilizado para que realmente os corruptos sejam punidos, e não hajam perseguições aos servidores de carreira concursados, que muito contribuíram para que as denúncias pudessem vir à público. É preciso que se unam os esforços de entidades, parlamentares e partidos comprometidos com uma administração pública democrática e em defesa do patrimônio do povo, para que sejam colocados na cadeia os que lesam o povo brasileiro.

* Colaborador da Classe

ca médica para afastar-se do cargo, sem perder seu salário. Em agosto, novas denúncias foram feitas na Tribuna e no Ministério Público de São Paulo (dias 14, 19 e 26). Em 13 de setembro, Jamil em sua última denúncia, mais provas foram apresentadas e prisões preventivas foram pedidas, culminando com a entrega de cópias de todas as falcaturras ao Dr. Romeu Tuma, em 20 de setembro.

Lamentavelmente, o Juiz André Nabarrete Netto, da 3ª Vara Federal, negou em 23 de setembro, a prisão preventiva da quadrilha, com apoio no parecer do procurador da república Dr. Francisco Rodrigues. Infelizmente, mesmo com todas as provas do crime, os corruptos do governo Collor continuam soltos para aplicar mais golpes.

Governo Collor derrotado com suspensão da venda da Usiminas

O programa de privatização do governo Collor sofreu uma primeira grande derrota na terça-feira, dia 24, com a suspensão da venda da Usiminas, prevista há mais de um ano e anunciada, em edital publicado nos maiores jornais do país, 112 dias atrás. Em diversos Estados ocorreram manifestações populares de protesto contra a negociação, a Justiça havia concedido várias liminares proibindo a privatização nos moldes pretendidos pelo BNDES, ficando evidenciado que o processo, além de danoso para os interesses nacionais, estava eivado de irregularidades.

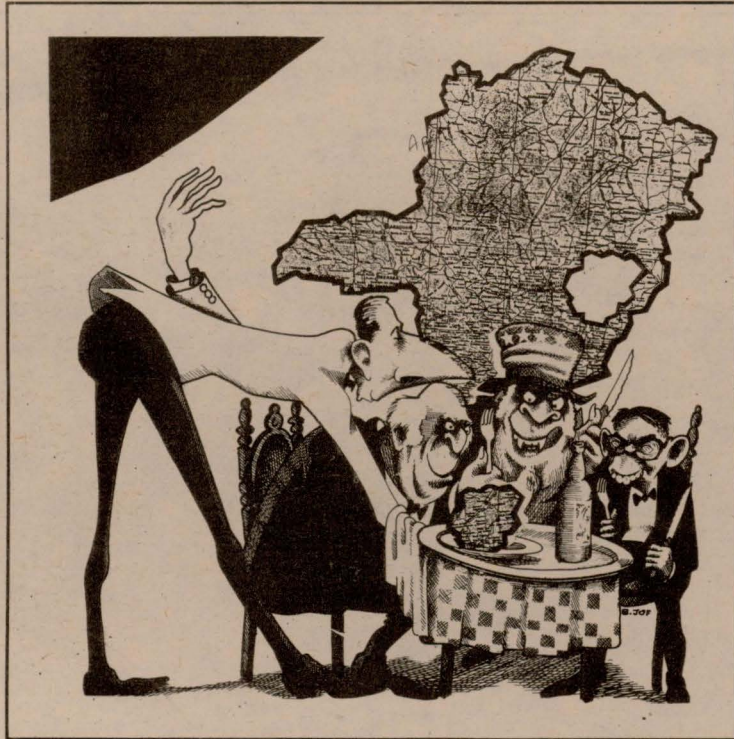
Já na manhã do dia 24 - enquanto manifestantes mobilizados por entidades patrióticas, centrais sindicais e partidos de oposição concentravam-se diante das bolsas de valores dispostos a impedir ou dificultar o leilão da estatal mineira, cujo início estava previsto para as 14 horas, ia ficando claro que a privatização não seria efetuada, ao menos naquela data marcada pelo governo.

Protestos

As ações judiciais, e as decisões de alguns tribunais suspendendo a venda, haviam afastado boa parte dos investidores. Da mesma forma, os protestos diante das bolsas de valores, principalmente no Rio e em Minas Gerais, criaram um clima pouco propício ao leilão, o que levou o presidente do BNDES, Eduardo Modiano, a decidir, junto com o presidente Collor, pelo adiamento da privatização, às 13 horas do dia 24, alegando falta de condições políticas e jurídicas.

O episódio mostra que o plano de entrega das estatais à iniciativa privada, e destacadamente ao capital estrangeiro, encontra uma forte resistência nacional, cujo eco fez-se ouvir com força inclusive nos poderes Legislativo e Judiciário. Notou-se que, ao lado do desvairado entreguismo, Collor recorreu a uma série de irregularidades para viabilizar a transferência da Usiminas (uma das mais lucrativas e eficientes siderúrgicas do mundo) à iniciativa privada, fixando um preço mínimo muito abaixo do valor real da empresa e aceitando "moedas" muito apropriadamente classificadas de "podres" na negociata, entre os quais os títulos da dívida externa e da dívida agrária.

"A prepotência também tem seus limites e até mesmo o senhor Eduardo Modiano tem que reconhecer a falta de credibilidade e sustentação política deste governo", notou o



deputado estadual do PT de Minas, Ivo José. Por sua vez o ex-deputado Euzébio Rocha, autor da lei que instituiu o monopólio estatal sobre o petróleo, acentuou que "o Brasil não aceita outra orientação que não a da defesa dos seus legítimos interesses. O governo que aí está é um governo subversivo, contrário aos interesses nacionais e submisso a grupos econômicos internacionais."

No Rio, onde mais de mil pessoas cercaram a sede da bolsa de valores, promovendo inclusive piquetes para sustar o leilão, Barbosa Lima Sobrinho, presidente do Movimento de Defesa da Economia Nacional (Modecon), uma das entidades que, junto com a CUT, CGT e partidos oposicionistas organizou o ato, observou: "Considero um crime doar aos estrangeiros uma empresa que custou para o povo brasileiro tanto sacrifício e estou aqui para defender o patrimônio público".

Não faltou durante a manifestação a presença de provocadores a soldo da direita, que, segundo Jorge Barreto, da direção regional do PCdoB, presente ao protesto, "atiraram pedras contra janelas da bolsa, quebrando vidraças e provocando um início de tumulto depois da reação de um segurança da instituição, que sacou o revolver e atirou para o ar". Os investidores, por outro lado, especialmente os estrangeiros, foram recebidos com vaias e ovos pelos manifestantes.

Em Minas Gerais centenas de pessoas saíram às ruas, primeiro reunindo-se diante das bolsas de valores do Estado e, depois de anunciada a suspen-

são do leilão, promovendo uma passeata em Belo Horizonte comemorando a vitória popular contra a privatização.

Também em São Paulo a bolsa de valores foi cercada por manifestantes contrários à negociata pretendida pelo governo. "Este ato de traição nacional, executado pelo governo federal, só pode receber o repúdio dos patriotas e das consciências lúcidas do nosso povo", proclamou o deputado federal Aldo Rebelo, do PCdoB, durante o ato.

A suspensão da privatização da Usiminas pode ser considerada uma grande vitória das forças populares e patrióticas do país, coloca o governo Collor numa situação de maior isolamento e dificulta os planos das elites brasileiras e do imperialismo para o Brasil, expressos no chamado neoliberalismo, do qual a privatização é uma parte essencial. Contudo, trata-se ainda de uma batalha dentro de uma guerra que promete novos lances.

O governo Collor decidiu enviar ao Congresso um novo projeto sobre privatizações, com caráter de urgência urgentíssima, com a pretensão de evitar futuros dissabores jurídicos. Como salienta a presidente do PCdoB de Minas Gerais, Jô Moraes, "é preciso que o movimento popular se mantenha atento e tenha uma estratégia de pressão e mobilização visando manter a vitória conquistada. Creio que foram criadas todas as condições para impedir definitivamente a venda da Usiminas, mas a condição maior para assegurar a vitória é continuar mobilizando a sociedade em defesa dos interesses nacionais."

CONGRESSO EM PAUTA Defesa da estatal pode ser virada

Haroldo Lima*

De repente uma cena inusitada na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Centrais sindicais, partidos políticos, parlamentares, personalidades destacadas de batalhas nacionalistas do passado e do presente, trabalhadores e populares aglomeram-se na porta da Bolsa dispostos a impedir, com a força de seus braços, mão, gritos e vontade, que ali se consuma um crime de lesa pátria - o assalto a um grande patrimônio do povo brasileiro, a Usiminas. E a indignação popular concentrada disse um basta à desastrosa política de privatização do Sr. Collor e fez, no peito e na raça, o que a maioria conservadora dos deputados impediu que a Câmara fizesse e o que o Superior Tribunal de Justiça não deixou a justiça fazer - sustar o leilão da mentira, da trapaça, do golpe vil tramado contra uma grande e rica propriedade de um grande e pobre povo.

O ato de protesto que pôs em desabalada carreira agentes do capital e obrigou a suspender o leilão da impostura tem um enorme significado.



Leilão suspeito

A história da privatização da Usiminas já apresenta contornos de uma operação não só politicamente antinacional mas também de correção moral duvidosa. Suspeita-se que nessa trama o entreguismo mais deslavado está de braços com grave improbidade no trato da coisa pública.

Porque os fatos são estranhos. Seus responsáveis dificilmente poderiam ser vistos sempre como pessoas de boa fé.

A empresa tem um valor estipulado pelo Bndes em US\$ 1,8 bilhão, enquanto o professor Dércio Munhoz, ex-presidente do Conselho Federal de Economia, demonstra, em carta ao vice-presidente da República e outras lideranças nacionais que "os critérios seguidos (pelo Bndes) constituem erro grosseiro, inadmissível..." e que "o valor mínimo da empresa se situaria acima de US\$ 10 bilhões". O Congresso aprovou a Lei 8.031 especificando quais meios de pagamento deveriam ser usados nas privatizações do governo, enquanto no Decreto 99.463 o governo admite outros meios de pagamento para a venda da Usiminas, moedas podres, papéis sem valor. O Juiz Federal da 28ª Vara, do Rio de Janeiro, lavra em decisão que "há sérios e intransferíveis indícios de fundado receio de um dano potencial grave e de difícil reparação ao patrimônio público nacional, não somente com a simples realização do impugnado leilão, como também em decorrência do questionado acordo celebrado entre o Bndes, a Siderbrás e a Nippon-Usiminas..."

Resistir é preciso

Por isso o ato na Bolsa do Rio pode e deve significar uma virada na atitude de nosso povo frente ao desmonte que o governo federal empreende do Estado brasileiro.

O Sr. Eduardo Modiano, presidente do Bndes, entreguista consumado e figura suspeita em todos esses ardis, afronta a nação declarando da maneira mais deslavada que, se não se admitir no leilão o uso de "títulos da dívida externa, títulos da dívida agrária e outros papéis" (todos desvalorizados), então o leilão não teria cabimento, porque "ninguém tem dinheiro forte disponível na praça". O Sr. Modiano anuncia que o leilão ocorrerá logo.

Será necessário barrar de novo esse intento. Lutar para que o Congresso vote a suspensão desse ato; para que a Justiça não permita a burla da legislação em vigor, que não permite a venda de estatais a troco de moeda falsa. E, de qualquer modo, através de mobilizações políticas nos diversos Estados, pugnando pela defesa do patrimônio nacional e pela moralidade dos atos públicos, o povo não deve permitir a entrega da Usiminas e deve opor franca resistência à política antinacional do presidente Collor.

* Líder do PCdoB na Câmara dos Deputados.



Cuba: a revolução vive

Entrevista de Jorge Bollaños, embaixador de Cuba no Brasil

Há mais de 30 anos que Cuba, uma pequena Ilha do Caribe, com apenas 10 milhões de habitantes, enfrenta um brutal, furioso e desumano bloqueio econômico imposto pelo Estados Unidos. Mais do que isso, Cuba enfrenta uma permanente ameaça de invasão pelas tropas imperialistas. Mais próxima dos Estados Unidos que Brasília de Goiânia, Cuba resiste às ameaças e ao bloqueio norte-americano. Para falar sobre a experiência do povo cubano e de sua luta, Jorge Bollaños, de forma firme e contundente expôs a opinião do governo cubano sobre a atual situação internacional, falou da luta de seu país, fez uma comovente profissão de fé no socialismo e analisou as repercussões em Cuba do alinhamento da URSS com os Estados Unidos. Eis a íntegra da entrevista:

Classe: Como está hoje a situação em Cuba?

Bollaños: Vivemos num clima de muitas dificuldades, que sempre acompanharam o povo cubano, em função do bloqueio norte-americano, em vigor há mais de 30 anos. Antes, existia um campo socialista, com o qual Cuba mantinha relações comerciais, amortecendo um pouco os efeitos danosos do bloqueio. Hoje, isso não existe mais. Os países do Leste Europeu deixaram de ser socialistas e não mantêm mais relações comerciais com Cuba. Dessa maneira, os efeitos do bloqueio são, agora, mais profundos. O povo cubano está enfrentando uma situação que nenhum outro país passou. As dificuldades são enormes, faltam matérias-primas, como aço, produtos químicos e derivados de petróleo, faltam alimentos, peças de reposição para automóveis e equipamentos. As consequências do bloqueio são extremamente duras. Só para citar um exemplo: há três anos, apenas 12 produtos eram racionados em Cuba. Hoje, mais de 70% dos produtos destinados ao consumo interno estão racionados.

Classe: Qual o prejuízo que o bloqueio norte-americano está causando à Cuba?

Bollaños: Segundo nossos cálculos, o bloqueio já custou à Cuba um prejuízo de US\$ 20 bilhões. Para um país pequeno, sem recursos e que vive em permanente processo revolucionário, isso é muito. Só de frete, para importar as mercadorias que necessitamos, nós gastamos US\$ 800 milhões, sem contar com uma sobretaxa de risco que somos obrigados a pagar aos armadores para que seus navios ancorem em Cuba. Isso porque, os Estados



O povo cubano está disposto a resistir

Unidos fazem, também, uma lista negra das empresas de navegação que aceitam entrar em Cuba, proibindo que navios dessas empresas operem em portos norte-americanos. Com isso, muitos armadores se recusam a viajar para Cuba e os que aceitam exigem um preço muito mais elevado. O bloqueio é um mecanismo cruel e desumano, inédito na história da humanidade. Recentemente, li que os próprios americanos admitem que se trata do mais perfeito e completo bloqueio de toda a história.

Classe: De que maneira Cuba espera vencer esse bloqueio norte-americano?

Bollaños: O bloqueio é um ato totalmente ilegal que contradiz todos os princípios e os tratados do GATT e da Carta das Nações Unidas. Ele surgiu na época da Guerra Fria, que hoje não existe mais, na medida em que a URSS se tornou um aliado dos Estados Unidos. Dessa maneira, a argumentação norte-americana para manter o bloqueio é cada vez mais débil. Hoje se fala muito na desideologização das relações internacionais, mas os americanos não fazem isso. Se fala que os muros têm que cair, como caiu o Muro de Berlim. Porque, então, os Estados Unidos não derrubam o muro que ergueram na frente de Cuba? O bloqueio é uma posição mais ideológica do que nunca. Sabemos que é difícil enfrentá-lo e derrotá-lo, principalmente no campo diplomático, uma vez que a ONU se transformou num organismo totalmente dominado pelo imperialismo. Agora, conseguimos incluir na pauta da Assembléia Geral da ONU a

discussão sobre o bloqueio. Já é um avanço, embora não seja suficiente para acabar com ele. Nós temos claro que esta é uma tarefa difícil que precisa de mobilização popular, não só em Cuba mas em todos os países que lutam pela justiça e pelo respeito à soberania e à auto-determinação dos povos. Nenhum país tem o direito de dizer ao outro qual o regime político e econômico que ele deve ter. Isso é uma facilidade exclusiva de cada povo. Nós, por exemplo, não podemos dizer aos Estados Unidos, que eles devem acabar com o bi-partidarismo lá existente. Isso é um problema do povo norte-americano. O bloqueio é, portanto, cínico, criminoso e desumano. E só com a luta e a mobilização de todos os povos amigos de Cuba é que nós conseguiremos enfrentá-lo e derrotá-lo.

Classe: Como estão as relações de Cuba com o Brasil?

Bollaños: Depois do reatamento, as nossas relações avançaram muito. Hoje temos uma balança comercial equilibrada, que gira em torno dos US\$ 200 milhões e pode chegar aos US\$ 400 milhões. O Brasil é um grande importador de produtos e equipamentos médicos de Cuba. E não houve retrocesso nas relações políticas e diplomáticas.

Classe: Como o povo cubano está reagindo à essas dificuldades?

Bollaños: O povo de Cuba tem uma extraordinária vocação revolucionária. Se não fosse essa vocação a Revolução Cubana não teria durado dois anos e está fazendo trinta e três anos. O povo está conscien-

te de que as dificuldades são muitas, mas que vamos vencê-las, sem abrir mão de nossos princípios socialistas. A antiga consigna revolucionária "Pátria ou Morte", hoje se chama "Socialismo ou Morte".

Classe: Como Cuba analisa a derrota do socialismo na URSS e nos países do Leste Europeu?

Bollaños: Isso não foi surpresa para nós. Desde 1986, antes mesmo da perestroika, nós percebemos que havia uma grande fraqueza ideológica nos países do Leste da Europa e então iniciamos uma política de retificação dos nossos rumos, procurando pouco a pouco nos libertar dessa dependência e consolidar o caminho cubano de socialismo, sem abdicar dos princípios revolucionários.

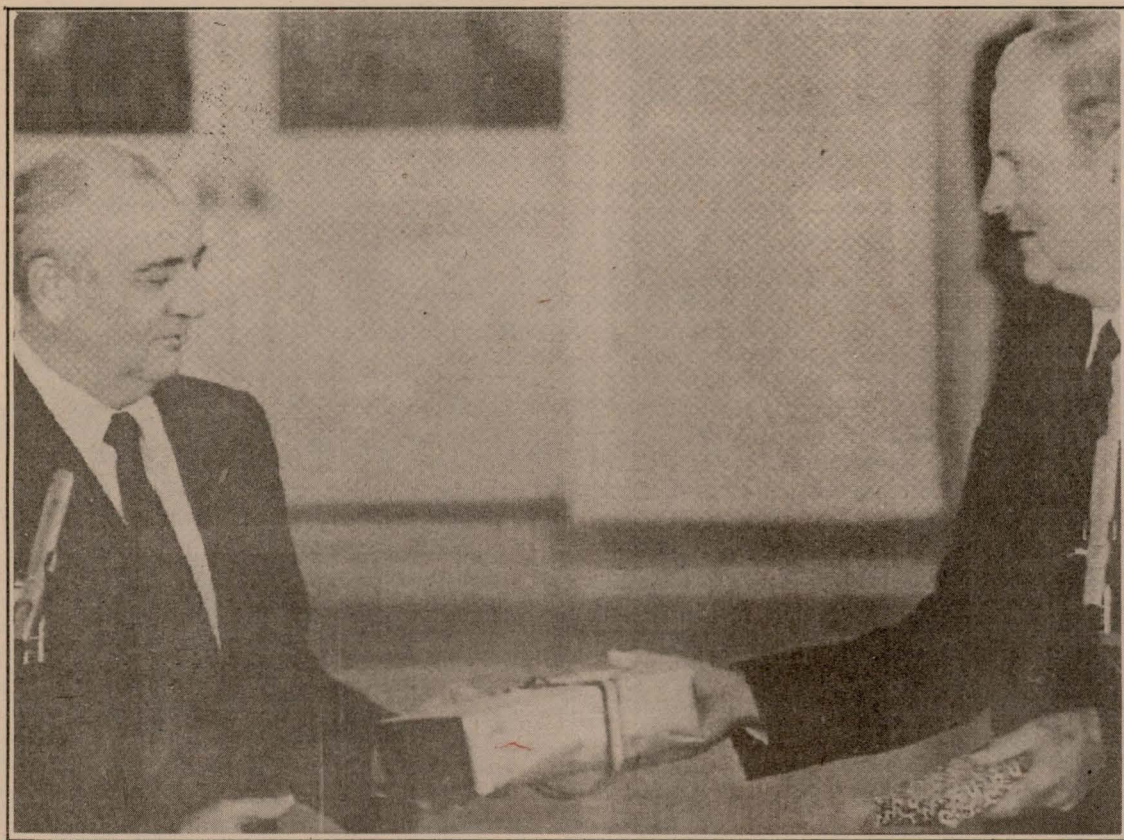
Classe: Como Cuba recebeu a notícia da retirada pela União Soviética das suas tropas que prestavam auxílio ao seu país?

Bollaños: Com perplexidade. Em primeiro lugar porque foi uma decisão unilateral e sem consulta prévia. Essa decisão coloca Cuba numa situação de isolamento internacional frente às ameaças norte-americanas e é um sinal verde para a invasão de Cuba pelos Estados Unidos. E, portanto, uma decisão que tem grave conotação política e que compromete nossa segurança. Além disso, ao comunicar aos Estados Unidos a retirada das tropas soviéticas de Cuba, a URSS sequer exigiu em contrapartida, que os norte-americanos retirassem seus soldados da Base Naval de Guantânamo, que serve apenas para humilhar e ameaçar

Cuba. Essa decisão representou, e esse é o sentimento de nosso povo, uma concessão incondicional da URSS às pressões e ameaças do imperialismo norte-americano sobre Cuba, cedendo às exigências do governo Bush sem discutir uma única palavra com nosso país. É a adesão da URSS à nova ordem internacional marcada pela lógica da subordinação total às vontades dos Estados Unidos. Representa, também, um inaceitável rompimento unilateral, pela URSS, de um tratado de cooperação internacional firmado com nosso país. Como enfrentar essa situação e defender Cuba é o grande desafio do momento. A solidariedade internacional adquire grande importância para romper esse isolamento e defender o socialismo. Está em curso uma nova ordem internacional onde os países do Terceiro Mundo têm duas alternativas: ou submeter-se ao domínio norte-americano ou ser liquidados. Nós não estamos dispostos a aceitar essas alternativas e vamos resistir para vencer. Cuba jamais aceitará ser entregue ou vendida aos Estados Unidos. Para não voltar a ser escravos, estamos dispostos a lutar até a morte.

Classe: Como Cuba está se preparando para enfrentar uma provável invasão pelos Estados Unidos, depois da queda do Leste Europeu e da capitulação da URSS?

Bollaños: Nós estamos vivendo uma verdadeira guerra. Uma guerra de todo o povo. Para defender o país de uma invasão, estamos reestruturando nossas Forças Armadas, ampliando-as para todos os cubanos. O povo



Gorbachov e Baker firmam pacto de agressão contra Cuba

cubano está armado para enfrentar os invasores e disposto a lutar até a morte. Nós achamos que nunca cometemos os erros estratégicos e ideológicos que os países e os governos do Leste Europeu cometeram. Nós nunca educamos nossos jovens dizendo que nosso modo de vida seria igual ao dos países do Primeiro Mundo, como foi feito no Leste Europeu. Nós sempre trabalhamos na educação revolucionária do povo com conceitos claros, como a democratização da saúde, da educação, do trabalho, da alimentação. Nossa democracia é forte, sólida e concreta. Não é um mero discurso de pluralismo político. Nenhuma democracia burguesa democratizou tanto a vida concreta do povo como Cuba. E o po-

vo sabe disso e sabe também que povo dividido é povo vencido. Por isso, a ameaça permanente de agressão unificou o povo em torno do Partido. Nós vivemos em guerra. Enquanto os Estados Unidos mantiverem o bloqueio, as hostilidades, estimularem os contrarrevolucionários e quiserem esmagar a Revolução, nós não vamos mudar o nosso sistema político que visa evitar que o socialismo cubano seja desmantelado pelos Estados Unidos. O que alcançamos até hoje deve-se ao fato de que nunca claudicamos, não fomos renegados, não abandonamos os nossos princípios socialistas, revolucionários e marxistas-leninistas. Somos o mesmo Partido de antes, com os mesmos sonhos, com os mesmos princípios.

Classe: Quais foram as principais vitórias da Revolução Cubana?

Bollaños: São inúmeras. Cuba é um país sem analfabetos. Está entre os oito países com melhor e mais eficiente sistema de saúde do mundo. A dieta básica do cubano é de 1.300 calorias, a quarta de toda a América Latina. A escolaridade média em Cuba é de 9 anos. Temos 2,5 milhões de estudantes universitários. Em Cuba o desemprego não existe. Fizemos, na prática, uma reforma urbana, permitindo que após 20 anos pagando aluguel, o imóvel passe a ser propriedade do cidadão. Temos uma distribuição equitativa da renda nacional, sendo que a diferença entre o maior salário pago no país e o salário-

mínimo é de apenas 4 vezes. Somos o maior exportador mundial de açúcar e o país mais avançado da América Latina em biotecnologia e na produção de medicamentos. E o mais importante de tudo é que, embora tenhamos uma dívida externa de US\$ 15 bilhões, somos um país independente e soberano.

Classe: No próximo mês de outubro, será realizado o 4º Congresso do PC Cubano. Como está a preparação desse Congresso?

Bollaños: Nós fizemos mais de 40 mil reuniões preparatórias, com todos os trabalhadores, estudantes e intelectuais para que eles falassem de suas expectativas diante do Congresso do Partido. Para que levassem os problemas e os pontos que devem ser discutidos pelo Partido. Foram reuniões abertas a todo o povo e não apenas aos militantes. Foi feito um mapeamento dessas reuniões para que, a partir das indicações do povo, seja montada a pauta do Congresso.

Classe: E quais os principais problemas levantados nessas reuniões preparatórias?

Bollaños: Houve muitas críticas ao burocratismo e à qualidade dos serviços. Levantou-se a necessidade de ampliar a liberdade religiosa e de se aperfeiçoar as instituições legislativas. Mas o dado mais significativo foi que ninguém, mas ninguém mesmo, nessas 40 mil reuniões, questionou o regime socialista. Essa é a prova concreta de que o povo cubano está satisfeito com o socialismo e, portanto, preparado para defendê-lo. O reflexo disso pode ser medido, por exemplo, no fato de que a Juventude Comunista conseguiu, este ano, um número superior de novos membros que o alcançado no ano passado que, aliás, já havia sido maior que o do ano

anterior.

Classe: Quais os mecanismos de escolha dos delegados ao Congresso?

Bollaños: Nós fizemos uma coisa que é uma verdadeira revolução. Os delegados ao Congresso são eleitos, por voto secreto, em assembleias das organizações do Partido nos locais de estudo, trabalho e moradia, pelos militantes. No entanto, esses delegados eleitos precisam ser referendados por todos os trabalhadores, estudantes ou moradores do local que os elegeu. E desse referendo participam todos, inclusive os não militantes. Além disso, nessas reuniões ampliadas, também são indicados os nomes daqueles camaradas que devem ser eleitos para o Comitê Central. Assim, o Comitê Central do Partido, eleito pelo Congresso, vai expressar o sentimento das ruas. Em alguns casos, por exemplo, um delegado eleito na Assembleia do Partido não foi referendado pelo conjunto dos trabalhadores e perdeu o direito de ser delegado. Esse esquema está baseado na concepção de que nós somos um Partido de vanguarda, mas um Partido que representa toda a nação.

Classe: Na sua opinião que mudanças poderão ser aprovadas pelo 4º Congresso do PC Cubano?

Bollaños: Imagino que haverá algumas mudanças na composição e no funcionamento da Assembleia Nacional, de forma a democratizá-la ainda mais, e a aprovação da privatização do setor de serviços. Mas, certamente, o eixo central do Congresso será como Cuba vai defender o socialismo nas atuais condições adversas impostas pelo bloqueio imperialista e pela retirada das tropas soviéticas.

Traição e resistência

A traição dos dirigentes soviéticos a Cuba passa em muito dos limites anunciados pela imprensa brasileira. Na mesma ocasião em que Gorbachov, ao lado de Baker, falava sobre o fim da ajuda econômica e da retirada dos assessores militares soviéticos da ilha, o Ministério de Assuntos Exteriores soviético convocou a Moscou Jorge Canosa, presidente da Fundação Cubano-Americana, sediada em Miami e que agrupa a grande maioria dos cubanos que vivem exilados nos Estados Unidos.

Canosa foi comunicado pessoalmente da decisão do governo soviético e não escondeu sua satisfação. "Não posso acreditar no que estou vivendo, a imprensa não poderia ter nos dados melhor acolhida, no aeroporto nos receberam com tapete vermelho, como visitantes ilustres, obtivemos uma vitória, é o começo do fim de Fidel Castro", declarou o cubano presidente da associação de mercenários a soldo do imperialismo ianque.

Entretanto, a revolta que tais atitudes têm ocasionado entre os dirigentes e o povo cubano em geral, é grande.

Em recente editorial o jornal Granma assim analisou os acontecimentos da URSS: "O Partido Comunista, fundado por Lênin e gestor da Grande Revolução de Outubro, cujos militantes

deram maciçamente as suas vidas durante a Grande Guerra Pátria, foi encerrado, ilegalizada a sua ação e confiscado o seu patrimônio. Um frenético anticomunismo levou a que grupos de pessoas, que desconhecem o seu real significado, profanassem símbolos daquela gloriosa Revolução e na própria capital da URSS chegaram a assediar monumentos de Lênin com o propósito de derrubá-los. Não podemos, como têm feito muitos dirigentes ocidentais, regozijar-nos com essa tragédia."

Reafirmando a linha de resistência o editorial do Granma afirma: "Aconteça o que acontecer na URSS, não nos afastaremos do caminho que escolhemos como resposta revolucionária e científica à necessidade histórica de realizar o ideário de José Martí de independência nacional, antiimperialismo, latino-americanismo, justiça e convicção social e de avançar rumo à sociedade mais justa, mais humana e mais racional que o homem concebeu: a sociedade socialista, iluminados pelo pensamento de Martí, pelas verdades universais descobertas por Marx e Engels, pelos geniais contributos para a teoria e para a prática revolucionária de Lênin e pelos ensinamentos derivados da experiência concreta da nossa linha independente, cubana e socialista."

Solidariedade à Cuba

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil dirige-se a todos os que lutam pela liberdade, contra o imperialismo e defendem a autodeterminação dos povos, propondo uma ampla mobilização em defesa a Cuba, do seu povo e de sua Revolução. A campanha contra Cuba faz parte de uma ofensiva internacional dirigida pelos EUA contra o socialismo e tudo que represente avanço e progresso social.

Recentemente esta campanha se intensificou após os acontecimentos ocorridos na URSS. A atitude mesquinha e subversiva de Gorbachov ao suspender unilateralmente acordos de cooperação econômica e militar entre a URSS e Cuba, é uma demonstração de até onde pode chegar o atual grupo dirigente soviético e significa

a total capitulação da URSS aos ditames da política externa norte-americana.

A solidariedade ao povo cubano se expressa hoje através de campanhas concretas, pelo fechamento da base norte-americana em Guantânamo, pelo fim do criminoso bloqueio econômico imposto há mais de 30 anos pelos EUA a Cuba e pela ajuda material ao povo cubano.

Os comunistas brasileiros colocam-se entre as primeiras fileiras dos combatentes pela liberdade, a independência nacional e o socialismo. Neste difícil momento por que passa o povo irmão de Cuba, justifica a elaboração de uma lista de comunistas revolucionários no combate ao imperialismo.

São Paulo, 15 de setembro de 1991.
O Comitê Central do PCdoB

COM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Betim: Congresso vitorioso

Nos dias 20, 21 e 22 de setembro, com a realização de seu 1º Congresso, os metalúrgicos de Betim e Igarapé viveram um momento importante para impulsionar os rumos da luta da categoria.

Desde a sua preparação até o encerramento o congresso foi marcado por um clima democrático e de grande unidade política. O conteúdo avançado das resoluções aponta com clareza o caminho do combate dos trabalhadores contra a política do fracassado governo Collor e dos patrões, e em defesa do socialista.

Nas fábricas, exploração

Diante do quadro de dificuldades que os metalúrgicos sofrem nas fábricas foi estabelecido um plano de lutas. A luta contra o arrocho salarial é um deles. Hoje os patrões têm audácia, durante as negociações salariais em recusar a repor as perdas da categoria. Por outro, o lucro das empresas aumenta. A Fiat Automóveis, maior fábrica da região, vendeu de janeiro a agosto deste ano 90.680 veículos. Ou seja, 70% a mais do que no mesmo período do ano passado. As condições de saúde e segurança são precárias nas empresas. E os direitos de organização dos trabalhadores são sistematicamente desrespeitados. Para se ter uma idéia já foram expulsos arbitrariamente nove diretores sindicais que fazem parte da atual diretoria.

Democracia na base

A escolha dos delegados

Cut contra o entendimento collarido

Dia 20 de setembro a Executiva Nacional da central Única dos Trabalhadores - CUT - se reuniu em São Paulo, para discutir posições frente as constantes manobras do governo e a questão da proporcionalidade qualificada na direção da Central.

Da reunião saiu a posição clara e incontestada da CUT contra o "emendão" e o entendimento nacional, por entender que essas propostas são "anti-populares, agravam a situação política do país, acentuam a questão do arrocho salarial e visam a entrega das empresas nacionais ao capital estrangeiro, além da privatização das estatais", declara Wagner Gomes, presidente do Sindicato dos Metroviários de São Paulo e da Executiva Nacional da



ao Congresso foi feita através de diversas reuniões por fábrica. Sem falar que a categoria foi amplamente convocada a participar através dos Informativos do Sindicato.

A tese unificada, aprovada em reunião da diretoria do Sindicato e que serviu de base para as discussões em grupos durante o Congresso, foi enriquecida pelo debate e participação dos delegados.

Ao final do Congresso a opinião, praticamente unânime, era a de que a iniciativa foi vitoriosa. O 1º Congresso possibilitou uma maior ligação da base com a entidade. Além disso era nítido a empolgação dos trabalhadores, que voltam para o dia a dia da fábrica com mais clareza e consciência,

CUT.

Os protestos serão imediatos contra as atitudes do governo e ocorrerão com cartazes, manifestações, palestras, seminários, faixas, etc.

Um passo atrás

No IV Concuto venceu a votação da proporcionalidade qualificada porém, essa postura não prevaleceu, "prevalecendo a posição exclusivista da Articulação, que ficou com nove secretarias enquanto apenas três deverão ser distribuídas entre as outras tendências. a la tesouraria, a secretaria de política sindical e a secretaria de imprensa. Esta será ocupada por Sérgio Barroso, do PCdoB, relatou Wagner.

Bancários: greve avançou

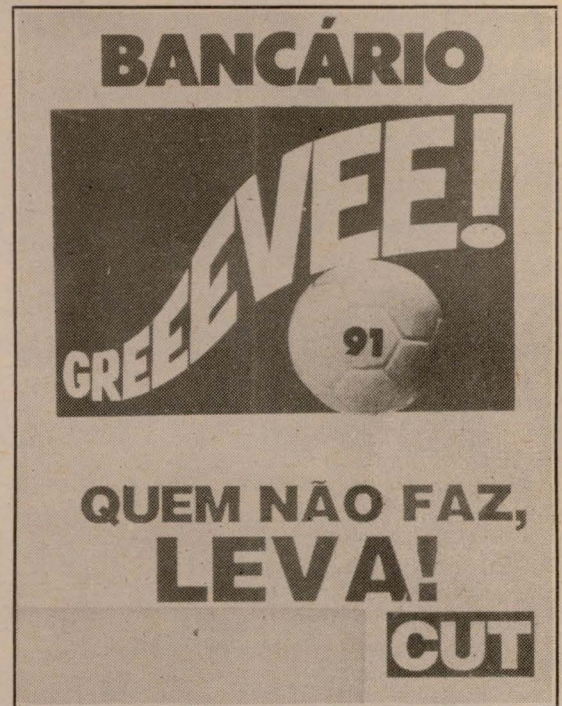
Os bancários dos estabelecimentos privados e estaduais estão eufóricos e se consideram vitoriosos diante dos banqueiros. Conquistaram 99.05% de reposição salarial contra os míseros 48% propostos pelos patrões.

Esse reajuste significa a reposição da inflação do mês de agosto, 3% de produtividade e demais verbas salariais. Outras importantes vitórias desta greve são: a unificação dos pisos salariais para toda a categoria bancária; o reajuste do auxílio-alimentação e o auxílio-creche.

mesmo afirmando que o movimento só havia alcançado 2% da categoria, os banqueiros recorreram à força policial para "garantir" que não haveria greve. Não deu certo. Os bancários foram às ruas, enfrentaram a polícia, deram um basta ao arrocho e arrancaram a reposição de perdas, que nem governo nem banqueiros queriam ceder.

Greve no BB

A greve dos funcionários do Banco do Brasil também tem sido um avanço como as dos bancos privados e estaduais. O TST julgou-a não abusiva, concedeu 100% de reajuste salarial, sendo 65% em setembro e o restante no mês de novembro.



Mulheres: repúdio ao "emendão"

O XI Encontro Nacional Feminista reuniu em Caldas Novas - GO cerca de 500 mulheres e aprovou dentre outras coisas, a realização do seminário: "Feminismo e Socialismo" para abril/1992 a ser referendado no Encontro Latino Americano de Mulheres Políticas realizado em São Paulo de 27 a 29 de setembro.

Aprovou ainda a formação de uma rede saúde mulher com integrantes de cada estado e um documento/carta ao Con-

gresso Nacional repudiando o "emendão". Diz o documento, que foi proposto pelas servidoras públicas:

"Vimos formalmente apresentar, a posição das Mulheres Trabalhadoras do Serviço Público Federal, Estadual e Municipal, presentes ao XI Encontro Nacional Feminista sobre o chamado "PROJETÃO" ou "EMENDÃO" do Governo, ora tramitando nesse Congresso.

Entendemos que o conjunto

das medidas compromete as conquistas sindicais e sociais das trabalhadoras, asseguradas na Constituição de 1988, tais como: aposentadoria por tempo de serviço, estabilidade no emprego, preservação do patrimônio público, soberania nacional autonomia e liberdade sindicais.

Sendo assim, repudiamos os termos do projeto e esperamos que Vs. Excias. também o façam através do voto contrário.

Por uma sociedade mais justa e igualitária."

Metroviários comemoram 10 anos de luta

Dia 13 de setembro os metroviários de São Paulo comemoram 10 anos de criação de seu sindicato. Lula, do PT, Mário Covas, do PSDB e Dynéas Aguiar, do PCdoB, compareceram à festa, que homenageou os funcionários do Sindicato que trabalham na entidade desde a sua fundação. O Sindicato recebeu a carta sindical do Ministério do Trabalho em 24 de agosto de 1981, contudo a organização nasceu antes. Em 26 de novembro de 1975 o então Metro Clube foi transformado em Associação dos Empregados do Metrô de São Paulo.

Nos tempos da ditadura militar, o governo respondia com repressão a qualquer manifestação trabalhista. Em menos de dois anos de existência, o Sindicato sofreu intervenção federal devido à participação dos metroviários na greve geral, em julho de 1983. Seis meses depois a intervenção foi suspensa e o Sindicato voltou às mãos da categoria.

"Os metroviários também tiveram participação destacada em momentos importantes



da vida nacional, como a luta contra a estrutura sindical atrelada ao Ministério do Trabalho, Diretas Já, atuação junto à Constituinte para garantir avanços nos direitos trabalhistas e sociais dos brasileiros", informa Wagner Gomes, presidente do Sindicato dos Metroviários.

O Sindicato denunciou ainda as políticas eleitoreiras de expansão e inauguração apresada de estações do metrô; a degradação dos serviços de transportes metroviário, etc.

(Carlos Pompe, Colaborador de A Classe)



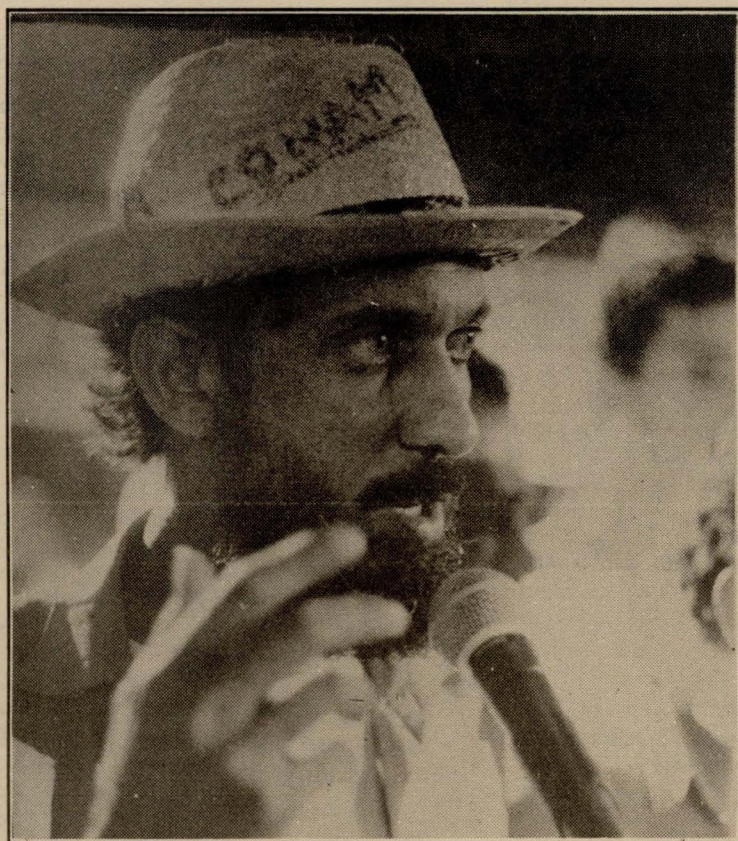
Arbítrio contra a Famobh

Minas Gerais é palco hoje de mais uma investida de forças políticas retrógradas contra a organização popular, num flagrante desrespeito ao exercício da cidadania e à dignidade. O alvo deste ataque é a Federação das Associações de moradores em Bairros, Vilas e Favelas de Belo Horizonte (Famobh) e o movimento comunitário como um todo. Há 15 dias o presidente da entidade, Antônio Cosme Damião Pereira, Toninho como é mais conhecido, militante do PCdoB, está encarcerado na Penitenciária Dutra Ladeira, condenado à revelia a dois anos de prisão, em regime fechado, por ter sido surpreendido, em 1988, portando uma carteira de motorista falsa. O presidente da Famobh passou 12 dias em greve de fome no depósito de presos de Lagoinha.

A prisão do presidente da Famobh, ocorrida de forma irregular e arbitrária no início da noite do dia 6 de setembro, na Delegacia de Ordem Econômica, onde compareceu atendendo a uma intimação da polícia para prestar esclarecimentos, faz parte de uma trama urdida nos porões da Prefeitura de Belo Horizonte com o apoio do latifúndio urbano e o Procom Municipal. A intenção é tirar de circulação uma liderança reconhecida e desorganizar principalmente o movimento sem-casa, que há alguns anos vem expondo à sociedade uma de suas chagas - a falta de moradia na capital, que apresenta um déficit de 114 mil unidades e a miséria a que grande parte da população está submetida.

Repressão e calúnia

A farsa montada pelas forças reacionárias começou a ser ence-



Aguinaldo Zordanoni

Vladimir Dantas, presidente da CONAM denuncia: Toninho da Famobh, vítima da repressão

nada com a prisão há cerca de um mês de 11 integrantes da Associação Comunitária 14 de Julho, que tentou viabilizar a construção de um conjunto habitacional na periferia da cidade. Os membros da entidade, entre eles três diretores da Famobh, foram expostos a um cerco policial e acusados de estelionato, formação de quadrilha e de transgressão de alguns artigos do Código de Defesa do Consumidor na venda ilegal de lotes. Isto, apesar do projeto ter sido apresentado à Secretaria Municipal de Ação Social e aos órgãos estaduais Pró-Habitação e Cohab na tentativa de viabilizar apoio público. Nada ainda

ficou provado, apenas a intenção dos patrocinadores desta trama de também responsabilizar o presidente da Famobh. Todos os acusados da 14 de Julho já foram liberados depois de 12 dias de prisão e o processo foi remetido à Justiça.

O movimento comunitário e sem-casa, os partidos políticos de esquerda saíram às ruas para denunciar esta "armadilha" e desmascarar os responsáveis por esta trama. A prisão de Toninho está sendo entendida como uma tentativa de acabar com o movimento organizado, retirando das mãos dos cidadãos um instrumento de luta que é a Famobh.

UPES: unidade para lutar

Realizou-se nos dias 21 e 22 de setembro o 7º Congresso da União Paulista dos Estudantes Secundaristas que reuniu cerca de 600 estudantes de diversos municípios do Estado de São Paulo. O congresso se deu num momento de reorganização do movimento no conjunto do estado, quando a necessidade de unir os estudantes para lutas como o passe livre, a meia-entrada, o combate ao governo Collor e a defesa da escola pública se impõe aliada à necessidade de reestruturação da própria entidade.

No entanto, o 7º congresso da UPES com todos estes imperativos e o fator positivo de reunir um grande número de estudantes com disposição de discutir e lutar, chegando inclusive a tomar suas principais decisões de programa, não conseguiu chegar ao fim sucumbindo ao aparelhismo de importantes setores do congresso. Os traços do apa-

relhismo e do sectarismo com a sobreposição dos interesses das forças políticas sobre o dos estudantes começaram a se revelar a partir do momento em que a comissão de credenciamento passou a desconsiderar delegados legitimamente eleitos por critérios de força, não totalizou corretamente os mapas do credenciamento e, o que é mais grave, se colocou acima da diretoria e dos próprios delegados, tornando-se o órgão supremo do congresso.

Este comportamento busca estabelecer uma correlação de forças falsa no interior do congresso, bem como impor o isolamento da diretoria que legitimamente eleita tornou realidade a realização do congresso. Tais acontecimentos tornaram-se mais claros no momento em que uma votação mais disputada teve como resultado a derrota destes setores.

Insatisfeitos, eles terminaram

por inviabilizar, através da força, a continuidade do congresso.

Neste momento o movimento secundarista de São Paulo deve retirar lições acerca dos males que têm sido causados pela disputa mesquinha das forças políticas e encontrar os caminhos de consolidar sua opção pela ação direta junto à base real dos estudantes. Esta base real são as entidades municipais e os grêmios que têm na UPES sua arma para o enfrentamento com o governo Collor, que luta pelo passe livre e a meia-entrada, que se mobiliza para defender a escola pública.

A diretoria se reúne dia 29 com as entidades municipais para avaliar os problemas do 7º congresso, promover a apuração das responsabilidades pelos problemas ocorridos e convocar um conselho estadual de entidades que supere os problemas nos fóruns democráticos da entidade.

QUESTÃO DE ORDEM

Greves importantes

Altamiro Borges *

No mês de setembro o movimento grevista deu sinais de grande vitalidade e pujança, projetando com força o sindicalismo no cenário político nacional. A greve de maior impacto foi a dos petroleiros, que conseguiu a adesão da quase totalidade dos 55 mil funcionários da Petrobrás no país. Ela durou 12 dias e o retorno ao trabalho, no dia 23, só se deu devido à truculência do TST, que julgou o movimento abusivo e concedeu apenas 100% de reajuste - a reivindicação era de 370% de aumento salarial.



Já os bancários das instituições financeiras federais, que iniciaram sua greve em 11 de setembro, aguardavam parados o julgamento no Tribunal Superior do Trabalho. Nem mesmo a decisão do TST, que penalizou os petroleiros, conseguiu abater o ânimo dos grevistas do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal e do Banco Central. O retorno ao trabalho dos funcionários dos bancos privados, que conquistaram 99,05% de reposição, também não se refletiu numa queda de adesão nos órgãos federais.

Além dos petroleiros e bancários, outras greves de categorias, nacionais e mesmo por empresas ocorreram nos últimos dias. É o caso dos trabalhadores em engarrafamento e distribuição de gás de vários Estados, dos metalúrgicos da MWM na capital paulista, dos professores da rede estadual de São Paulo - que continuam parados - entre outros. E na madrugada de 23 de setembro teve início a paralisação de protesto de três dias dos portuários e estivadores, contra o projeto do governo federal, que está sendo analisado no Congresso, de privatização dos portos.

Quais as perspectivas?

O que explica o recente aumento de greves e da duração dessas paralisações? Pode-se falar num novo ascenso do movimento grevista no país? Essas perguntas intrigam os que estão envolvidos nas lutas dos trabalhadores. Mas ainda é cedo para uma resposta definitiva. Algumas considerações, entretanto, já podem ser realçadas.

A causa primeira dessas greves é o brutal arrocho de salários. Nem mesmo a recessão econômica, que gera o temor permanente do desemprego, conseguiu assustar as categorias citadas. As reivindicações dos grevistas apresentam cifras - de 300% a 500% de reajuste - o que indica a astronômica perda do poder aquisitivo dos trabalhadores - principalmente os das empresas estatais e dos órgãos públicos.

Um outro dado é que as principais greves, como a dos petroleiros e dos bancários, ocorrem em período de data-base dessas categorias. Elas não aconteceram de forma explosiva, mas se deram no bojo de campanhas salariais planejadas e organizadas. Esse fator, somado à dificuldade do movimento sindical de unificar as lutas dos trabalhadores, fez com que as paralisações ficassem isoladas, sendo alvos mais fáceis do patronato.

Confronto global

O brutal arrocho, a recessão, a privatização e outras chagas decorrentes da política econômica do governo Collor de Mello empurram os assalariados para a luta pela sobrevivência. Mas, por outro lado, ainda há debilidades no movimento sindical, que não tem conseguido canalizar todo esse descontentamento. A unificação das lutas, num confronto global às medidas governamentais, encontra sérios obstáculos. A própria CUT ainda não conseguiu superar a fase das disputas intestinas e fratricidas que antecederam o seu 4º Congresso Nacional.

A superação dessas debilidades é o grande desafio do momento!



Iraque: Bush age como Hitler

Violência e cinismo extremos. Assim pode ser resumida a política dos Estados Unidos em relação ao Iraque. Bush fala em direitos humanos e defesa da democracia e, na realidade, patrocina ao lado de outras grandes potências um feroz cerco àquele país árabe, submetendo seu povo a um sofrimento brutal. Faltam alimentos e medicamentos básicos. A ação da administração dos EUA encontra paralelo histórico no nazi-facismo. Isto é o que se pode deduzir da denúncia feita recentemente pelo Comitê Internacional para a retirada das sanções impostas ao Iraque, sediado em Londres.

55 mil crianças já morreram

Entre outras coisas, diz a declaração do referido Comitê: "Desde a Guerra do Golfo, os americanos e o lobby judeu nos EUA, têm sido bem sucedidos em transformar o Conselho de Segurança da ONU num 'Tribunal de Lobos', decretando, vez e outra, resoluções desumanas contra o povo do Iraque."

Mais de um ano já passou desde que foram patrocinadas aquelas sanções bárbaras pelas administrações norte-americanas, britânica e francesa, contra 18 milhões de iraquianos, em violação a todas as normas aceitas de valores humanos e, infringindo a própria resolução 687 do Conselho de Seguran-



ça da ONU, patrocinada por essas mesmas administrações, que permitiu a isenção dos alimentos, medicamentos e outras necessidades humanas, das sanções, caso o Iraque aceitasse a resolução e, fosse anunciado um cessar-fogo permanente.

Não obstante, os três países ocidentais continuam negando ao Iraque o direito de alimentar o seu povo, tratar seus incapacitados e cuidar de seus

recém-nascidos e suas crianças, apesar de o Iraque ter aceitado a Resolução 687 e o cessar-fogo ter sido declarado há vários meses." "Em consequência dessa política criminosa e genocida, nada menos que 55 mil crianças iraquianas de menos de 5 anos de idade já haviam morrido até maio último, segundo o relatório de uma equipe de estudos de Harvard, citado pelo professor Francis Boyle da Universida-

de de Illinois. As mesmas fontes avaliam que "no mínimo 170 mil crianças morrerão no próximo ano pelo efeito retardado da crise do Golfo."

Nova intervenção armada

Discursando no último dia 23 perante a Assembléia Geral da ONU, George Bush afirmou: "Devemos manter as sanções (sobre o Iraque) sem ce-

der um minuto". Segundo o presidente americano, o Iraque, mesmo tendo sofrido uma derrota na guerra, continua representando uma ameaça à paz mundial, pois estaria desenvolvendo um programa nuclear e possuiria outras armas de destruição massiva. Sucessivas missões da ONU, ligadas à Agência Internacional de Energia Nuclear - AIEN - têm feito vistorias no território iraquiano em busca de provas que pudessem comprovar tal hipótese. Segundo informações procedentes do Iraque, essas missões têm agido de má fé e alguns de seus membros estão a serviço da CIA, órgão de espionagem do EUA.

Em consequência da polêmica surgida em torno do assunto, os americanos escudados na ONU, planejam para curto prazo uma nova intervenção armada contra o povo iraquiano. Já deslocaram centenas de mísseis Patriot e milhares de homens para a Arábia Saudita, mesmo contra a vontade de setores do governo desse país. Isso sem contar as tropas e equipamentos que já estavam estacionados na área.

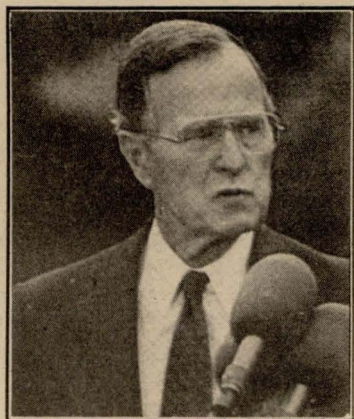
A trágica situação que atravessa o Iraque é a demonstração do caráter reacionário e belicista do imperialismo norte-americano que segue em busca do domínio total e absoluto do mundo. Sem dúvida, todas as forças que lutam pela democracia e pela paz, se unirão em solidariedade ao povo iraquiano.

Iraquianos foram enterrados vivos

A própria televisão brasileira mostrou as imagens estarecedoras das tropas americanas enterrando vivos, com areia, soldados iraquianos que se encontrava nas trincheiras, durante recente guerra entre os dois países. O general norte-americano que comandou essa operação foi condecorado nos Estados Unidos. Quando vem à tona um crime tão hediondo, caberia perguntar onde fica a propaganda massiva que dizia estarem os americanos usando modernos meios de guerra que não faziam vítimas humanas e só destruíam objetivos militares materiais.

Abaixo publicamos a íntegra da declaração do Ministro do Exterior do Iraque, Ahmed Hussein, condenando tal ato.

"Temos acompanhado as notícias veiculadas pelos meios de comunicação norte-americanos e admitidas pelo Departamento de Defesa e pelo presidente norte-americano George Bush, que confirmam que tanques norte-americanos, equipados com pás-carregadeiras,



soterraram grande número de soldados iraquianos vivos em suas trincheiras de defesa, durante o avanço nos primeiros dias da agressão brutal contra o Iraque.

Diante da crueldade do crime norte-americano, que envergonha toda a humanidade e desonra todos os que executaram, planejaram ou se calam sobre ele, e para que não passe em branco esse crime bárbaro norte-americano que desnu-

dou a solidez e a imoralidade dos donos da decisão na Casa Branca, no Pentágono e nas outras instituições, que promoveram o genocídio de milhares de pessoas sem sentir peso na consciência; e para que caíam mais e mais as máscaras furadas da nova ordem norte-americana internacional e as defesas dos direitos humanos feitas com conceito imperialista ilusório, os órgãos do Ministério do Exterior do Iraque e suas missões diplomáticas começaram uma mobilização em todos os níveis árabes, regionais e internacionais e, também, nas organizações humanitárias internacionais".

"O Ministério enviou notas urgentes ao Secretário Geral da Liga dos Países Árabes, à Organização da Conferência Islâmica, ao Movimento de Não-Alinhamento, ao Secretário Geral da ONU, ao Presidente do Conselho de Segurança da ONU e aos países membros do Conselho, exigindo a condenação deste crime hediondo e o esclarecimento de suas

dimensões e motivos e sua violação aos valores humanos e aos convênios de Genebra de 1949.

O Ministério exigirá em suas notas ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha e ao Governo dos Estados Unidos, que apresentem informações completas e detalhadas sobre as posições militares que foram alvo do crime genocídio covarde executado pelas forças norte-americanas e, também, entregar os restos dos mártires iraquianos às autoridades iraquianas às autoridades iraquianas competentes e mais rápido possível.

As confissões dos oficiais oficiais norte-americanos que executaram o crime de soterrar os soldados iraquianos vivos, publicados no *Washington Post* em 12 de setembro corrente, e as justificativas pelas quais tentaram amenizar a reação contra seu crime bárbaro, confirmam ao mundo todo que a agressão imperialista americana-atlântico-sionista contra o Iraque não foi, na verdade,

uma guerra limpa, como afirmaram, e sim, uma guerra suja que revelou a covardia das forças aliadas e seu receio de travar uma verdadeira guerra que mantenha a honra militar e suas tradições. Esse ato sórdido confirma o medo das forças da coalizão de enfrentar as forças iraquianas na trincheira da fé, medo esse que as levou a utilizar métodos sujos e sórdidos.

A divulgação dos detalhes desse crime e as informações adicionais que serão divulgadas ainda sobre os atos cometidos pelos norte-americanos e seus aliados durante a agressão militar contra o Iraque, deverão ter uma ampla repercussão mundial e deverão ser condenados e repudiados severamente pelas entidades humanitárias, pela opinião pública e organizações árabes, regionais e internacionais. A maldição eterna deve perseguir aqueles assassinos que cometeram esse crime hediondo, friamente e sem remorso".

Centro de Documentação e Memória
Maurício de Almeida



A aguerrida militância prepara o 8o Congresso

Criatividade para os debates do Congresso

Walter Sorrentino *

Mobilizar o coletivo às assembleias decisórias do 8o Congresso não é esforço rotineiro. É preciso encontrar as formas apropriadas que permitam incorporar os militantes e filiados, antigos e novos, bem como favorecer a participação de todos nas decisões. Destaca-se aí equacionar criativamente o papel que podem e devem jogar as organizações de base.

O esforço criativo se justifica, em primeiro lugar, devido à natureza dos debates. O tema central do Congresso motiva um amplo interesse na parcela avançada da sociedade. Exige ousadia na mobilização de filiados, amigos e simpatizantes, que podem ser incorporados à vida do partido, sem falar nos segmentos revolucionários do PCB que ingressam em nossas fileiras. Por isso, o debate reclama formas especiais, de modo a valorizar, politicamente, a participação de todos nas deliberações. Trata-se de uma exigência para a vitalidade do PCdoB hoje.

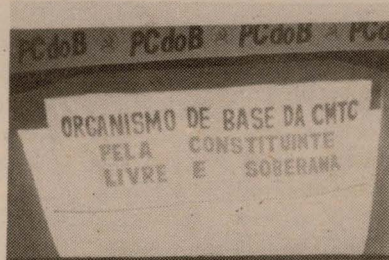
Em segundo lugar, porque não são poucas as vicissitudes da vida das OBs. Ali onde estão estruturadas, cumpre realçar seu papel, realizando reuniões preparatórias e Assembleias de Base, como o caminho mais consequente para a participação e formação dos comunistas. Não há democracia mais efetiva no partido que aquela que se realiza pela base, de baixo para cima.

Mais participação, mais discussão

Entretanto, há situações variadas a levar em conta, sob risco de estreitar a participação dos militantes no Congresso. Nas

idades pequenas e médias do interior e mesmo em alguns distritais, predomina a organização única do partido na área, que funciona na forma de assembleia de militantes. Ou então, se apresentam situações em que as OBs carecem de vida ativa, ou foram constituídas artificialmente, com caráter provisório. Há ainda militantes que não estão estruturados em OBs bem como outros que recém-ingressam. Tais situações não representam limitações evitáveis aos debates do Congresso? Deveríamos correr o risco de secundarizar a participação dos camaradas nessas circunstâncias?

Uma forma possível de enfren-



Participação das bases é decisiva tar simultaneamente as duas exigências apontadas é estabelecer a proporcionalidade da base às conferências intermediárias de forma plena, ou seja, de 1:1, de modo que todo militante participe da Assembleia de Base e também da conferência respectiva. Isso facilita a mobilização do coletivo com uma data unificada para a realização da Assembleia de Base e conferência, bem como a incorporação de todos aos debates. Permite também aos trabalhos da conferência estabelecer uma dinâmica que combine adequadamente discussão em plenárias e grupos, de modo a estimular a expressão da opinião de cada um dos participantes, formulando indicações, sugestões, resoluções, etc. que

são deliberadas pelo conjunto.

Valorizar OBs

Em todo caso, os grupos de discussão correspondem às OBs que estão estruturadas, que então realizam sua assembleia se não a tiverem efetuado anteriormente. As deliberações que adotam são, na seqüência dos trabalhos, apresentadas na plenária da conferência. Onde não existam as OBs, essa sistemática permite abrir a discussão sobre a necessidade de construí-las concretamente. Vantagem adicional dessa proposição é fazer com que o evento da conferência tenha um número maior de participantes (todo o coletivo da área), conferindo-lhe maior representatividade para a realização de atos políticos de abertura ou encerramento, com a presença de forças aliadas em cada município ou distrito.

Essa é a experiência que vem sendo discutida e conduzida em São Paulo. Tem-se consciência de que problemas organizativos do partido são também parte integrante dos debates do 8o Congresso. Entretanto, é preciso encará-los politicamente. Não se trata de buscar uma receita nova para a vida do partido, mas de "ler" corretamente a realidade da vida orgânica partidária e encontrar formas de enriquecer os trabalhos do congresso, numa perspectiva a um só tempo de princípios e inovadora frente às circunstâncias concretas. Aqui se faz uma proposta. Outras são possíveis. O propósito é um só: mobilizar revolucionariamente o PCdoB para o desafio maior do presente: um 8o Congresso revolucionário!

* Membro do Comitê Central do PCdoB

TEORIA E PRÁTICA

Nós e os suecos

Bernardo Joffily *

Neestes tempos bicudos para o socialismo revolucionário, há quem experimente a doce tentação da social-democracia. Já que não conseguimos subverter o mundo, por que não nos contentarmos em reformá-lo? Em vez de sonhar com o fim da propriedade privada e do mercado, não será mais sensato buscar o crescimento econômico com distribuição de renda?

Mas eis que uma notícia aterradora chega da Suécia, exibida como paraíso social-democrata: após 60 anos quase ininterruptos no governo a social-democracia foi batida nas urnas por uma aliança conservadora, com uma proposta de liberalismo selvagem do tipo Margaret Thatcher.

Os limites da conciliação

O exemplo sueco expõe as limitações do chamado "Estado de bem-estar social", a receita social-democrata para conciliar para os séculos dos séculos o capital e o trabalho.

A primeira limitação é bem conhecida, por exemplo dos metalúrgicos da Volvo paranaense ou da Scania de São Bernardo do Campo: os benefícios "generosamente" distribuídos no primeiro mundo em boa parte são, arancados dos trabalhadores da periferia, através da remessa de lucros e juros, comércio desigual, servidão tecnológica, todos os selvagens mecanismos da exploração imperialista. Por isso mesmo a social-democracia nunca vingou no chamado terceiro mundo.

Mas há uma segunda limitação. A receita social-democrata mantém todos os mecanismos básicos do capitalismo, distribuindo, através do Estado, uma parte dos excedentes obtidos para reduzir a concentração da riqueza. Acontece que estes excedentes só abundam nas fases de prosperidade capitalista. Nas fases de crise, justo quando a distribuição torna-se mais necessária, simplesmente não há o que distribuir.

Foi exatamente isto que aconteceu na Suécia: o Produto Interno Bruto do país diminuiu 1% no ano passado, como parte da onda recessiva mundial. Os capitais suecos fugiram para lugares onde as taxas de exploração e de lucro fossem maiores. Aumentaram as filas dos desempregados, e portanto os gastos com encargos sociais, exatamente no momento em que diminuía a arrecadação de dinheiro para colocar panos quentes na situação.

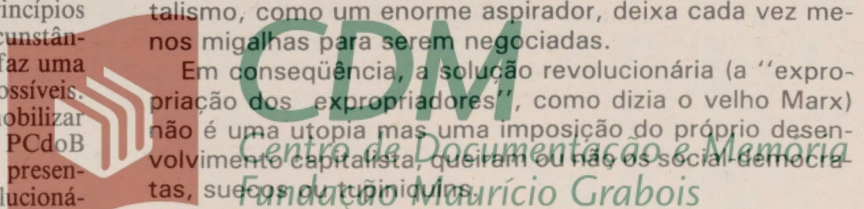
O colapso do esquema social-democrata levou à vitória eleitoral da direita. Esta promete menos impostos sobre o capital, menos gastos públicos na área social, privatização de escolas e hospitais, ou seja, mais selvageria capitalista, nossa velha conhecida. Tanto que o próprio movimento sindical sueco, entorpecido por décadas de "entendimento" no tapetão da conciliação de classe, é forçado a ir à luta.

Cada vez menos migalhas

A crítica revolucionária à social-democracia não se baseia portanto em razões morais, mas em imposições da economia. Não se trata de condenar o abastardamento social-democrata simplesmente por reservar aos trabalhadores as migalhas que caem do banquete burguês. O problema de fundo é que a dinâmica concentradora do capitalismo, como um enorme aspirador, deixa cada vez menos migalhas para serem negociadas.

Em consequência, a solução revolucionária (a "expropriação dos expropriadores", como dizia o velho Marx) não é uma utopia mas uma imposição do próprio desenvolvimento capitalista, queiram ou não os social-democratas, suecos ou tipicamente brasileiros.

* presidente do PCdoB em S. Bernardo do Campo/SP





A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

SOCIALISMO

PCdoB cresce em ato socialista no RJ

Uma solenidade que reuniu cerca de 700 pessoas, no último dia 12 de setembro, na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, denominado "Ato de Defesa do Socialismo" marcou a contraofensiva dos verdadeiros socialistas na atual conjuntura. Representou um passo significativo dos que lutam pela emancipação dos trabalhadores. Organizado pelo Partido Comunista do Brasil, o evento contou com a participação de parlamentares, personalidades políticas e lideranças sindicais que reafirmaram a alternativa socialista como a saída para a crise que vive o Brasil e o mundo.

O evento contou também com a filiação de aproximadamente 70 ex-dirigentes e ex-militantes do PCB ao PCdoB. O presidente nacional do PCdoB, João Amazonas, em seu discurso, acentuou: "O capitalismo tem os seus dias contados. Vivemos o período final do capitalismo.

O socialismo é o futuro". E em relação aos novos camaradas que estavam optando pelo PCdoB ele foi enfático: "Não é tarefa simples caminhar nos novos senderos da história".

Amazonas apontou dois problemas básicos a serem enfrentados pelos socialistas no atual momento da vida política: a necessidade de uma teoria revolucionária, "pois sem ela não há movimento revolucionário" e apontou o marxismo-leninismo como a única capaz de responder à necessidade de transformação e luta dos povos; e a necessidade de um partido revolucionário da classe operária, que, conforme o dirigente comunista, "existe, apesar dos que o renegam. Ele levará o povo brasileiro a um futuro de progresso e bem-estar", previu.

A arte presente

Além de discursos e palavras

de ordem, o ato também foi palco de belas performances artísticas. Com o ator Nelson Xavier, que confessou sua preocupação com o avanço das idéias socialistas e se mostrou solidário à sua difusão. A cantora e atriz Via Negromonte, sua companheira, também revelou-se atraída pela luta do povo: "A coisa mais importante na vida é a paixão. A paixão pela luta e pela resistência do povo". Ambos cantaram uma composição inédita de Nelson Xavier, em que fala do amor e das lutas humanas.

Os poetas Afonso Cláudio e Altamar Lima expuseram seus trabalhos., sempre procurando retratar o cotidiano e a relação

entre o belo, o amor e o povo. As manifestações artísticas quebraram o ritmo monótono e cansativo comum a eventos dessa natureza e inauguraram um estilo de atividades de massa que tende a continuar no futuro.

Os deputados federais Carlos Lupi, do PDT, e Jandira Feghali, do PCdoB, e o vereador Mário Dias, do PDT, fizeram pronunciamentos contundentes. Lupi denunciou os governantes soviéticos como capitulacionistas do imperialismo, ressaltando que "por alguns milhares de dólares renunciaram ao socialismo". Mário Dias observou que "não se vence uma batalha apenas com armamentos, mas sim com uma teoria forte: o marxismo-leninismo". Jandira criticou a falsa democracia difundida pela imprensa internacional, como a que impera hoje na União Soviética e em países do Leste europeu. Assim como fez uma comparação com a democracia existente no Brasil: "É democrático o povo passar fome, não ter saúde, não ter onde morar, não poder estudar?".

A deputada comunista foi mais à frente e insistiu na tese da democracia veiculada nos meios de comunicação e adotada até por alguns partidos de esquerda. Ela questionou: "são democratas quando defendem o retorno de Gorbachov ao poder na URSS, mas não são democratas quando censuram a imprensa, quando bloqueiam Cuba e ficam calados". Para ela propostas de pactos e entendimentos só servem aos poderosos. "Nós temos que ter nosso projeto alternativo, que é o socialismo". Jandira cobriu seu discurso ressaltando que a criação de novos camaradas significa "uma contribuição histórica para o movimento comunista".

A escolha do caminho

O ex-membro do Comitê Central e da Executiva Regional do PCB, Juliano Siqueira, encerrou o ato com um discurso vibrante, emocionante e firme. Iniciou afirmando que aquele era "um momento de grande responsabilidade e emoção". Ao se filiar ao PCdoB procurou demonstrar que os revolucionários do Brasil devem fortalecer o partido marxista-leninista que existe no país e "esse partido é o PCdoB". Declarou: "não é o caminho mais fácil, mas exigirá de nós uma única reivindicação: a militância revolucionária".

Juliano denunciou a opção social-democrata e contra-revolucionária do PCB e acusou os seus dirigentes de "traidores da estirpe de Yeltsin". Insistiu na tecla de querer recomeçar reivindicando militância, "pois foram muitos anos de equívocos e erros", admitiu. Para ele ser leninista e revolucionário é um orgulho e destacou como principal tarefa dele e dos demais que estavam se filiando ao PCdoB o fortalecimento do partido marxista-leninista, o PCdoB.

Outro dirigente do PCB, Fernando Pardellas, leu o manifesto em que se decidiram pelo PCdoB (veja box) e confessou-se bastante emocionado e alegre pela maneira fraterna como estavam sendo recebidos pelo partido. Estiveram ainda presentes ao ato o filósofo Roland Corbier, o jurista Tício Lins e Silva, o vereador Edson Santos, do PCdoB, a líder comunitária Dileta Nelson, representantes do Movimento de Defesa da Economia Nacional, da UJS, da UNE, da UBES e da UBM - União Brasileira de Mulheres.



Manifesto aos comunistas do Brasil

Neste momento histórico, de uma gravidade por todos conhecida, consideramos como a principal tarefa dos comunistas sua união, firme e decidida, numa organização verdadeiramente revolucionária, onde os autênticos marxistas-leninistas possam travar a luta contra a feroz ofensiva econômica, política e ideológica das forças do imperialismo, do neocolonialismo, da barbárie e da histeria anticomunista.

Nós, ex-militantes do PCB - ora em inexorável processo de extinção e no rumo da social-democracia -, reafirmamos nossa convicção marxista-leninista, cujo princípio fundamental não é outro senão o método de análise da dialética materialista.

Nesse sentido, vimos ressaltar noções básicas e fundamentais de nossa concepção geral do mundo, da vida e da história: a mais-valia como fonte de exploração capitalista; a centralização e a concentração do capital; a formação do capitalismo monopolista; o imperialismo como sistema de injustiça social e de opressão; a natureza de classe do poder político e do Estado; a existência de classes antagonicas e a luta de classes; a classe operária como eixo aglutinador das alianças sociais e políticas anticapitalistas e força social impulsionadora do processo de libertação: a importância da luta

de massas nas transformações políticas e sociais; a confluência da revolução socialista e do movimento de libertação nacional; a necessidade e o papel dos partidos comunistas; o socialismo como sistema social que visa a liquidação da exploração do homem pelo homem.

Aos que ainda hesitam e se perguntam "o que fazer?", respondemos com Lênin: "Pequeno grupo compacto, seguimos por um caminho escarpado e difícil, de mãos dadas firmemente. Estamos rodeados de inimigos por todos os lados e temos de marchar quase sempre debaixo do seu fogo. Unimo-nos em virtude de uma decisão livremente tomada, precisamente para lutar contra os inimigos e não cair no pântano vizinho, cujos habitantes, desde o início, nos censuram por nos termos separado num grupo à parte e por termos escolhido o caminho da luta e não o da conciliação".

Não nos dispersemos em falsas ilusões! A hora é de união e de reforçar o único Partido Comunista em atuação no País: o Partido Comunista do Brasil.

Comunistas, unamo-nos! O tempo não pára, o socialismo vive!

Ex-militantes do PCB

Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1991.

